

## ESPORTE, LAZER E PREVENÇÃO AO USO DROGAS: DOS DISCURSOS EQUIVOCADOS AOS CAMINHOS POSSÍVEIS

Recebido em: 20/02/2013

Aceito em: 17/09/2013

*Liana Abrão Romera*<sup>1</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Vitória – ES – Brasil

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo questionar a maneira ingênua e simplista que se estabelece entre prática esportiva e prevenção ao uso de drogas. É comum a constatação de um imaginário que atribui às praticas esportivas o poder mágico de “livrar os jovens das drogas” especialmente presente nos programas sociais que têm no esporte e lazer seu instrumento de intervenção socioeducativa. Ao colocar em xeque alguns desses pressupostos do senso comum, o artigo desenvolve-se a partir da desconstrução desse imaginário, que, acompanhado de um convite à reflexão, apresenta sugestões concretas de possíveis contribuições do esporte e lazer para amenizar a questão do uso de drogas. Sem a pretensão de transformar-se em receituário, destaca aspectos importantes de iniciativas já realizadas, sem deixar de ressaltar que a complexidade do tema exige sensibilidade, envolvimento e responsabilidade social.

**PALAVRAS CHAVE:** Esportes. Atividades de Lazer.

### SPORT, LEISURE AND DRUG USE PREVENTION: THE MISGUIDED SPEECHES TO THE POSSIBLE WAYS

**ABSTRACT:** This article aims to question the naive and simplistic association that is established between sports and drug use prevention. It is a common observation that attach to the imaginary that sports practices has the magical power to “free the youth from drugs”, especially on those social programs that have sport and leisure as their instrument of socio-educational intervention. By putting into question some of the assumptions of common sense, the article develops by deconstructing this imaginary, which, with an invitation to reflection, presents real opportunities for possible contributions of sport and recreation to alleviate the issue of drug use. Without intending to turn into prescription, it will highlight important aspects of initiatives already undertaken, while mention that the complexity of the issue requires sensitivity, involvement and social responsibility.

**KEYWORDS:** Sports. Leisure Activities.

<sup>1</sup> Doutora em Educação Física (UNICAMP). Professora Adjunta do Curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. Líder do Grupo de Pesquisa Andaluz/CNPq.

O Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) representa uma das ações políticas de esportes e lazer desenvolvidas pelo Ministério do Esporte desde 2003 e tem por objetivos centrais a ampliação, democratização e universalização do acesso à prática e ao conhecimento do esporte recreativo e de lazer.

Além de proporcionar a prática de atividades físicas, culturais e de lazer, envolvendo todas as faixas etárias e os portadores de deficiência, o programa estimula ainda a convivência social, a formação de gestores e lideranças comunitárias, fomenta a pesquisa e a socialização do conhecimento, contribuindo para que as manifestações esportivas e de lazer sejam tratadas como políticas públicas e direito de todos.<sup>2</sup>

A implantação dos núcleos para desenvolvimento do programa exige, dentre outras ações, a realização de módulos de formação de recursos humanos, ministrada por formadores do programa designados pelo Ministério do Esporte, cujo alvo principal são os agentes sociais e gestores da localidade na qual os núcleos de desenvolvimento serão implantados.

Durante a participação na implantação de núcleos PELC pelo país, ministrando módulos de formação continuada de recursos humanos, foram acumulando-se observações acerca do discurso dos agentes sociais e gestores envolvidos com o programa. Recorrentes referências à preocupação com o uso de drogas por parte da juventude, o desejo de controle do uso do tempo livre e, ao mesmo tempo, uma exagerada e ingênua crença no esporte como protetor dos perigos a que se viam expostos seus jovens.

Ao abordar algumas questões detectadas durante a realização dos módulos de formação de agentes sociais desenvolvidas no PELC, o presente artigo tem como

---

<sup>2</sup> Informações detalhadas acerca do PELC podem ser obtidas no *site* oficial do Ministério do Esporte: <[www.esporte.gov.br/](http://www.esporte.gov.br/)>.

objetivo central o questionamento desta aproximação que, de maneira ingênua, se estabelece entre prática esportiva e prevenção ao uso de drogas. Também coloca em xeque alguns desses pressupostos do senso comum visando à sua desconstrução acompanhada da reflexão acerca de possibilidades concretas de contribuição do esporte e lazer.

Embora este texto seja originado de experiências junto a um programa específico, acredito na possibilidade de expansão das reflexões aqui desenvolvidas, transpondo-as a inúmeros outros programas sociais que tenham o esporte e lazer como instrumentos socioeducativos, pois as mesmas crenças foram denunciadas em outros estudos sobre o imaginário dos agentes sociais com relação às práticas esportivas e a prevenção ao uso de drogas ilícitas, conforme apontado por Zaluar (1993, 1994) e Melo (2003).

O texto abordará temas referentes ao uso de drogas, juventude e prevenção por entendê-los imprescindíveis para o avanço das discussões aqui propostas, e, embora não tenha a pretensão de transformar-se em receituário, o texto é permeado de algumas iniciativas já constituídas a fim de apontar possíveis caminhos para outras reflexões envolvendo a temática aqui apresentada.

Começamos destacando alguns dos equívocos detectados.

### **Crenças e equívocos**

A temática das drogas, por si só, representa tema polêmico e suscita opiniões e comentários oriundas de várias áreas do conhecimento, tornando frequente um discurso midiático que de forma acrítica é reproduzido pelo senso comum disseminando equívocos, preconceitos e moralismo.

De modo geral, são observadas duas preocupações centrais, as quais os agentes sociais do programa equivocadamente acreditam que poderão sanar: 1- a preocupação com o uso do tempo livre e a necessidade de ocupação “sadia” desse tempo; 2- a prática esportiva como recurso mágico e salvador de retirada dos jovens das ruas, distanciando-os das drogas e suas principais consequências.

De modo geral, um tom salvacionista atribui super poderes às práticas esportivas, por um lado, e procura vigiar e controlar a ocupação do tempo livre das crianças e jovens por outro, conferindo então ao PELC o poder mágico de proteção dos perigos da sociedade.

A superficialidade desse imaginário, por certo, não leva em conta a complexidade que abrange o uso de drogas, deixando de considerar os usuários e suas necessidades, subjetividades e histórias individuais. Tampouco supõe que a complexidade do tema aponta para a necessidade de abordagens multifocais e políticas públicas intersetoriais planejadas e implementadas conjuntamente.

A recorrente crença expressa por agentes e gestores de que com atividades de esporte e lazer poderão proteger ou salvar as crianças e os jovens das ruas, das drogas, da marginalidade, pautando-se exclusivamente na ocupação de algumas horas de seu tempo livre, ou a ilusória possibilidade de controle do tempo de lazer desses jovens é difundida invariavelmente, por meio de discursos apaixonados, carregados das melhores intenções que, no entanto, denotam uma compreensão ingênua e simplista de questão tão complexa como é o uso de drogas ou as demais questões sociais às quais se reportam esses atores em seus discursos (violência, drogas, tráfico, marginalidade).

O uso de drogas não é motivado pela falta de oportunidades de prática esportiva, por isso é demasiadamente simplista acreditar que o oferecimento de algumas horas de

prática de futebol, judô ou outra modalidade, isoladamente, promoverá o sonhado afastamento do uso de drogas.

### **Sobre drogas e juventudes**

O uso de drogas legais e ilegais representa um dos episódios mais democráticos da atualidade, pois é verificado em diferentes níveis socioeconômico, educacional, geográfico. É compreendido como tema de âmbito mundial que atinge diferentes camadas sociais, sendo verificado cada vez mais precocemente.

O crescente número de crianças e jovens experimentando e usando drogas é fato observado não somente entre as populações menos favorecidas economicamente. O fenômeno atinge diferentes estratos sociais, sendo verificado em cidades de pequeno e médio porte tanto quanto nas metrópoles ou zonas rurais.

De certo modo, essa constatação dá legitimidade à preocupação por parte dos agentes sociais e gestores do PELC, uma vez que, de acordo com os resultados de estudos epidemiológicos (CARLINI-COTRIM *et al.*, 1989; CARLINI *et al.*, 1990; GALDURÓZ *et al.*, 1994; GALDURÓZ; NOTO; CARLINI, 1997; GALDURÓZ *et al.*, 2005; e GALDURÓZ *et al.*, 2000), é crescente o número de jovens a envolver-se com o uso de substâncias ilegais. Esse uso muitas vezes torna-se um problema social que atinge diferentes regiões, assim como as diferentes juventudes, de forma indistinta.

Muito embora a juventude venha recebendo grande visibilidade na história recente da humanidade, tratar a temática requer, por parte daquele que o faz, um distanciamento de preconceitos, moralismos ou das influências do senso comum que, geralmente, acompanham o tema.

Por encontrar-se entre a infância e a fase adulta, a juventude é compreendida como uma fase de transitoriedade, o que confere ao termo certa insuficiência, pois remete à ideia de fragilidade própria das coisas efêmeras e sem identidade própria.

Ainda que seja considerada uma fase transitória, e portanto passageira, ela tem sentido em si mesma e ganha cada vez mais destaque e atenção das diferentes áreas do conhecimento. Historicamente se construiu uma expansão do tempo dessa transitoriedade, outorgando à juventude maior destaque na sociedade a partir da civilização industrial, fator que lhe conferiu, gradativamente, maior evidência. Essa flexibilidade torna-se bastante perceptível na atualidade, e aumenta na mesma proporção do poder da classe econômica à qual pertença o jovem, de modo que não podemos pensar a juventude sem considerar as distintas e distantes classes socioeconômicas que constituem não somente a sociedade brasileira, mas que acentuam especificidades nas muitas juventudes de diversos países.

Dentre os importantes estudiosos do tema na atualidade, Pais (1993, 2003), Abramo (2005), Zaluar (1994), Spósito (1994), Burak (2001) e Margulis (2000) abordam a juventude relacionada com as interfaces da contemporaneidade.

Embora seja a juventude uma etapa do desenvolvimento humano marcado por conflitos generalizados, que interferem em boa parte dos comportamentos dessa fase, deve ser considerado que não existe na sociedade somente um perfil de juventude, uma vez que fatores como gênero, condição social, cultural, financeira, dentre outras, marcam juventudes específicas.

Não obstante prevaleça ainda uma compreensão idealizada da juventude denunciada por Burak (2001), que destaca um modo romantizado dessa fase, reforçando estigmas:

A sociedade contemporânea está desenvolvendo nas últimas décadas uma visão negativa geral dos adolescentes e jovens (“são gangues de ladrões”, “são drogados”, “desrespeitosos”, “engravidam irresponsavelmente”, “nada

de bom se pode esperar deles”) são facilmente culpáveis de sucessos negativos. Esta rede pejorativa dos adultos toma todos por iguais (p. 30).

Ainda segundo Burak (2001), os preceitos negativos acerca desse período do desenvolvimento contribuem para a compreensão da existência de uma única juventude, com características danosas tanto para ela própria como para a sociedade. Essa generalização negativa contribui para a estigmatização da juventude, reforçando os distanciamentos e dificuldades de relacionamento e convívio entre gerações.

O estereótipo socialmente construído sobre a juventude, muitas vezes marcado por aspectos negativos, atribui ao próprio jovem a responsabilidade por tal imagem, desconsiderando ser ela o espelho da sociedade em que se encontra inserida.

O olhar estigmatizado sobre essa fase do desenvolvimento humano foi também detectado por Zaluar (1994), que, ao analisar programas sociais voltados para a infância e juventude de subúrbios, destaca o mesmo olhar impregnado dos preconceitos e ranços sociais contido em declarações e informações que denotam certa preocupação que ora está dirigida a uma parcela da juventude pobre e moradora das comunidades, e, portanto, vista como problema social. Em outros momentos, a preocupação volta-se para o uso do tempo livre desse mesmo público, crianças e jovens, sendo compreendido como tempo pernicioso e perigoso a eles próprios e à comunidade.

Nessa perspectiva, tanto a juventude pobre como a vivência do tempo livre representam ameaça social no imaginário popular, fato que torna a conjunção de ambos uma ameaça à ordem social e local, aos olhos dos gestores, agentes sociais e coordenadores.

Em sua análise, Zaluar detectou o mesmo discurso salvacionista entre usuários e funcionários dos programas analisados, afirmando:

Aqui as observações feitas nos três programas são idênticas e fazem concluir que esse processo é típico dos grandes centros urbanos do Brasil e “tirar a criança da rua” tornou-se um lema e problema nacionais, apesar do

surgimento de uma nova categoria de profissionais, com seus próprios interesses e seus *ethos*: os educadores de rua (ZALUAR, 1994, p.41).

As denúncias apresentadas pela referida antropóloga permanecem atuais e intensificadas por conta das transformações sociais ocorridas nos últimos anos, além do aumento do uso de drogas, do tráfico e do envolvimento de uma camada da população jovem às atividades facilitadoras e promotoras de violência e marginalidade, reforçando a crença popular falaciosa de que o esporte afasta das drogas.

O olhar ingênuo, salvacionista e redentor direcionado ao esporte e às demais atividades de lazer devem ser questionado e relativizado, cabendo assim algumas provocações.

### **Provocações para reflexão**

Acreditar que o esporte e lazer desconectados de outras ações socioeducativas e de oportunidades sociais representem, por si mesmos, a promessa ou possibilidade de resgatar uma “infância e juventude perdidas”, ou o instrumento para “retirar os jovens da rua”, “ocupar seu tempo e afastá-los das drogas” simboliza a expressão ou o desejo de um imaginário quase mágico de “salvação” dos jovens da rua, do vício, das drogas, da violência, da marginalidade, por meio das práticas esportivas e do controle de uso do tempo de lazer.

As atividades de esporte e lazer desenvolvidas nos programas sociais que se instalam em comunidades, periferias urbanas, subúrbios, favelas, áreas de risco, áreas pacificadas, serão realmente capazes de promover as mudanças que anunciam, especialmente entre crianças e jovens que delas se beneficiam? Caso alcancem tais metas, de que maneira o fazem, quais os caminhos trilhados e quais os benefícios de fato promovidos?



Possivelmente esse questionamento remeta a outros desdobramentos, fornecendo pistas dos objetivos de uma intervenção, postura e envolvimento de seus agentes sociais, quais sejam:

Quais atividades serão interessantes a ponto de conquistar essa parcela da população para a participação espontânea? Qual papel cabe ao jovem nessas atividades: espectador, protagonista, crítico, criativo, passivo, alienado?

Para promover uma função preventiva ao uso de drogas, que aspectos as atividades de esportes e lazer devem apresentar? Quais princípios da prevenção devem ser ressaltados?

Quais as metodologias empregadas para o desenvolvimento de atividades com público tão especial, e, principalmente, qual a postura e envolvimento desse agente social?

### **Iniciativas interessantes**

Respeitando a complexidade que envolve a questão do uso de drogas por uma parcela da juventude é que esta temática não pode ser avaliada, estudada ou enfrentada por uma única esfera da sociedade, a partir de formas restritas de intervenção.

Afirma Romera (2009) que:

Mesmo considerando o fato de que teremos que aprender a conviver com as drogas lícitas ou ilícitas, torna-se imprescindível o esforço direcionado à conscientização da sociedade, por entender que não há outro caminho para o abrandamento do fenômeno que não o conhecimento mais aprofundado do mesmo promovido pelo diálogo entre áreas e pela interdisciplinaridade, pois a complexidade do tema exige a união dos múltiplos olhares (p.88).

É necessário, portanto, considerar que o tema exige a conjugação de esforços de distintas áreas de intervenção, e dentre elas o esporte, o lazer, a educação poderão, conforme o modo como forem apresentados e desenvolvidos, representar uma das

esferas possíveis de abrandamento do fenômeno e de contribuição para o crescimento humano, sem, no entanto, deixar de lado o necessário envolvimento de outros importantes segmentos sociais (formação profissional, saúde, emprego, transporte), conjugados com a multiplicidade de fatores que compõem as necessidades humanas. Outra questão também importante é o conhecimento de alguns princípios básicos que regem as intervenções de caráter preventivo.

Ao analisar programas de diminuição de riscos para adolescentes em escolas, Carlini-Cotrim (1998) detecta cinco modelos básicos que sustentam esse tipo de ação: modelo do conhecimento científico, modelo de educação afetiva, modelo de oferecimento de alternativas, modelo de educação para a saúde, modelo de modificação das condições de ensino, e aqui poderíamos acrescentar, modificação da oferta de lazer. A conjugação desses cinco modelos pode ser expandida para além do âmbito escolar, pois se apresenta facilmente adaptável a programas de lazer como o PELC.

Embora não haja aqui o propósito de tecer críticas aos modelos, tampouco aprofundar a discussão sobre cada um deles, vale ressaltar o modelo da educação afetiva, que apregoa que jovens mais estruturados<sup>3</sup> e menos vulneráveis psicologicamente são menos propensos ao uso de drogas. Nesse modelo, o desenvolvimento da autoestima, da capacidade de lidar com a ansiedade, a habilidade de decidir e interagir em grupo, resistir às pressões, dentre outros fatores, representam situações de fortalecimento e desenvolvimento de capacidades individuais.

Dessa forma, é importante ressaltar que o desenvolvimento de ações preventivas não precisa, necessariamente, ser feito abordando a temática das drogas de forma explícita. Podem e devem ser trabalhadas ações que provoquem a elevação da estima pessoal, a promoção da saúde, dos valores éticos, o empoderamento desse coletivo, sem

---

<sup>3</sup> Estruturação psicossocial, e não apenas econômica.

necessariamente tocar no tema droga de forma direta, embora o assunto seja sempre perpassado, indiretamente.

O foco principal das abordagens é o ser humano, e não a substância por ele consumida. Para Romera (1998), a formação humana deve ser o fim último de qualquer processo educativo.

Esse modo de pensar medidas preventivas indiretas é defendido por dois cientistas sociais com importante incursão junto a grupos especiais de usuários de drogas: o antropólogo americano Philippe Bourgois, que visitou o Brasil em 2010 e manifestou algumas de suas concepções acerca dos usuários de drogas que conheceu na cracolândia de São Paulo, e a brasileira Lia Cavalcanti, psicóloga e socióloga que desenvolve importante trabalho junto à Associação Espoir Goutte d'Or (EGO), respeitada ONG com sede na França.

O antropólogo americano Philippe Bourgois pesquisa os usuários de drogas há 25 anos e, depois de passear por cracolândias do Harlem (tema de seu pós-doutorado), além de França, Canadá, Colômbia, detectou, dentre os usuários brasileiros, algo de diferente que lhe chamou a atenção. Ao observar uma roda de batucada realizada pelos frequentadores daquele espaço, o antropólogo constatou que a alegria, o ritmo e a música eram importantes elementos de diferenciação em relação a outros espaços da mesma natureza por ele visitados mundo afora.

Bourgois ressalta o emprego da música e dos ritmos como uma das possibilidades de resgate dessa parcela da sociedade, e afirma com relação às observações desenvolvidas na cracolândia paulista que: “Aqui parece claro que a música deve ser usada em um programa de ensino, que estimule a responsabilidade dos dependentes”; e em seguida completa: “Qualquer ligação com a realidade que resgate a humanidade ajuda o viciado a deixar o vício” (BOURGOIS, 2010, p. 6).

Embora Bourgois valorize um dos interesses culturais do lazer, representado pela música, a proposta vem acompanhada do estímulo à responsabilidade e do resgate de sua humanidade. A música representa, então, uma ferramenta, um dos possíveis canais para a tomada de consciência que dependerá, de forma decisiva, do envolvimento do usuário e do acolhimento do educador.

O uso dos conteúdos culturais do lazer como instrumentos de prevenção ou aliados terapêuticos também foi um dos recursos empregados por Lia Cavalcanti em seus trabalhos à frente da EGO no acolhimento de dependentes químicos em Paris.

Essa psicóloga e socióloga desenvolve uma das melhores iniciativas para. Dentre as iniciativas de sucesso da socióloga está um grupo de teatro formado por dependentes que encenam peças para a população nas ruas de Paris.

Uma das conquistas do trabalho foi a formação, há oito anos, de um grupo de teatro dos usuários, do qual participavam prostitutas e travestis. A trupe montou peças em teatros comerciais para o público em geral. Numa delas, abordamento dos problemas com uso de drogas. Atualmente Consultora da Comissão Europeia em programas de educação, prevenção e redução de danos, dirige a EGO desde 1987. A ONG atua com quarenta profissionais em três unidades, entre elas um centro de tratamento dirigido a usuários de *crack* e politoxicômanos em situação de grande exclusão social adaptou *A miséria do mundo*, texto de Pierre Bourdieu, mesclando cenas da vida e do cotidiano dos integrantes (CAVALCANTI, 2008).

A música, o teatro e demais manifestações da cultura representam uma linha, ainda que tênue, que pode estabelecer ligações por meio da proposição de espaços de vivência dessas manifestações, uma vez que contribui para a autoestima e o contato com a realidade concreta.

De acordo com Cavalcanti,

[...] antes de tudo, a prevenção passa pelo reforço da autoestima de comunidades, grupos sociais e pessoas. Tudo o que funciona e tem efeito preventivo inclui a valorização das comunidades. Os jovens começam a assumir outros lugares sociais quando são reconhecidos, e não cedem ao tráfico.

A prevenção não é nada mais do que empoderar comunidades e pessoas, oferecendo lugares sociais dignos (CAVALCANTI, 2012, p.1).

No entanto, não é qualquer toda e atividade, há algo a mais a ser considerado nesse tipo de intervenção para não se cair no mesmo discurso salvacionista. Trata-se da sensibilização e do envolvimento do agente, das metodologias empregadas, da maneira de conduzir as atividades, do resgate de valores humanos.

Nesse sentido é Mascarenhas (2004, p. 6) quem defende possibilidades de um lazer distinto: “[...] lazer como força de reorganização da sociedade, agência educativa capaz de fomentar e colaborar para a construção de novas normas, valores e condutas para o convívio entre os homens”. Apostando em uma pedagogia crítica do lazer ou concepção dialética do lazer, o autor estudou a relação entre lazer e educação popular e defende a prática do lazer como um tempo e um espaço de resistência e organização de grupos sociais e populares.

Pautado em uma educação como prática da liberdade de Paulo Freire, Mascarenhas (2004) propõe o lazer como prática da liberdade tendo como referência a emancipação do homem, apresenta importante metodologia de trabalho que denomina pedagogia crítica do lazer junto a um grupo de meninos e meninas em situação de rua tendo o lazer como instrumento de educação. Com base em Paulo Freire, Mascarenhas defende que a educação não se restringe à escola e que ela comporta uma dimensão interdisciplinar que é política, uma vez que reivindica a transformação da sociedade e a liberdade dos homens.

Mascarenhas (2004) apresenta importante contribuição ao debate acerca da problemática do lazer e suas inter-relações com a educação. Compreende o lazer como “[...] lugar de uma experiência valorativa em que a estética, a ética e a política

*articulam-se como dimensões que acabam por tornar impossível qualquer iniciativa de dissociá-lo da educação” (2004, p. 17).*

Ao associar o lazer à ideia de conscientização, acredita que as atividades de lazer revelam uma possibilidade de inserção crítica na realidade contextual e histórica de um grupo. Nesse sentido, o lazer educação é visto como um constante teorizar a prática.

Também compreendendo o lazer como um tempo e um espaço de resistência, Melo propõe oficinas de ritmos, percussão, fotografia, construção de *clips*, *blogs*, aproximando-se daquilo que o autor denominou educação da sensibilidade.

Pensando em dialogar de maneira mais próxima dessa juventude, cabe o emprego das mídias, uma vez que representam novas modalidades de comunicação e expressão da contemporaneidade.

Não há receitas a seguir, há indicação de caminhos possíveis que pressupõem orientações relacionadas, especialmente, à postura desse profissional, sua responsabilidade político-social, o distanciamento dos rótulos e preconceitos que emperram qualquer ação pedagógica e, principalmente, a valorização humana.

Se a complexidade que envolve a questão não permite intervenções ou respostas simplistas, o envolvimento comprometido com o fenômeno permite a possibilidade da construção de espaços para que ações humanizantes e afinadas com perspectivas intersetoriais se apresentem.

### **Pontos importantes**

Ainda que o presente texto não tenha o caráter prescritivo de receita de atividades, entende a necessidade de apontar alguns caminhos visando contribuir para a formação dos agentes sociais em suas intervenções pedagógicas. Desse modo, três pontos são considerados fundamentais para uma intervenção que perpassasse aspectos da

prevenção e contribuam, conseqüentemente, para melhor estruturação humana e psicossocial:

- 1) maior conhecimento da juventude concreta, suas vulnerabilidades para efetivação de contato com esses jovens; em detrimento aos ranços moralistas e preconceituosos acerca desta fase do desenvolvimento humano;
- 2) compreensão da necessidade de construção conjunta de uma agenda de eventos, atividades e oficinas em sintonia com os desejos, habilidades, curiosidades e possibilidades dos envolvidos; e em oposição à proposição de pacotes prontos e predeterminados;
- 3) consolidação entre agentes e gestores de uma postura que ultrapasse os limites do preconceito e se aproximem das possibilidades de desenvolvimento de uma pedagogia de acolhimento, crescimento humano, valorização das habilidades e talentos individuais, empoderamento dos grupos e a conseqüente construção de uma estima positiva dos jovens.

### **Considerações finais**

A prática esportiva e de lazer, ou o controle do tempo livre dos jovens não são, de modo isolado, ferramentas de prevenção ao uso de drogas ou ações suficientes para resolução do problema.

Tal crença denuncia uma compreensão ingênua e simplista de uma questão complexa e multifacetada que exige muito mais que escolinhas esportivas.

Os programas sociais de esporte e lazer poderão, conforme os modos de construção e execução de uma proposta, representar uma das ferramentas possíveis de enfrentamento do problema, não obstante reconhecendo as limitações a ele pertinentes.

Foram aqui destacados dois pilares estruturantes dessa proposta, sendo o primeiro deles subdividido em ações que findam por complementar-se.

Compreender a aproximação necessária para o estabelecimento da confiança e do diálogo construtivo acerca de uma agenda de oficinas e eventos do PELC, de modo específico, e dos programas sociais, de modo abrangente, em consonância com as buscas e os desejos dessa parcela da sociedade, representa importante passo na direção de uma aproximação dialogada com tais juventudes. Não obstante, para que tal se concretize, dois pontos são bastante importantes.

Primeiramente, há a necessidade de despir-se dos preconceitos que permeiam o imaginário popular tanto no que tange à questão da juventude quanto dos usos e dos usuários de drogas, desmistificando também ideias moralizantes acerca da ocupação e do uso do tempo livre.

Desconstruir velhos padrões e conceitos acerca desse segmento da sociedade é uma etapa fundamental rumo às aproximações necessárias para o entendimento, o diálogo e o planejamento de ações conjuntas.

Acompanha tal procedimento uma segunda necessidade, de desenvolvimento de uma sensibilidade por parte dos agentes sociais que permita a aproximação para a escuta necessária dos anseios dessa juventude, conhecer suas necessidades e especialmente seus desejos referentes às atividades vivenciadas no lazer.

Abandonar velhos modelos de intervenção pautados na imposição de pacotes de atividades já prontos, definidos *a priori*, para uma parcela da população que tem a necessidade de propor, participar e produzir, protagonizar, eles próprios, as modalidades de oficinas ou vivências que desejam experimentar e vivenciar.

Nesse sentido, está aqui sinalizado um segundo passo: a construção de uma agenda de oficinas e eventos *com* a juventude e não *para* a juventude. Apresenta-se,



portanto, uma distinção fundamental que deve ser considerada: deixar de propor e passar a compor, conjuntamente.

Para tanto, é necessário o diálogo conjugado com a realidade concreta daquela comunidade, construir um rol de eventos, atividades e oficinas em consonância com os anseios do grupo. Retirar o jovem da postura social de passividade e apresentar a possibilidade do protagonismo representa um convite ao empoderamento anteriormente proposto por Cavalcanti.

Estabelecer diálogos com base nas próprias especificidades das diferentes linguagens usadas e construídas pelos jovens. Dentre essas distintas linguagens encontram-se a internet, cultura *hip hop* (e o movimento *rap* em geral), os vídeos e imagens, as novas maneiras de experimentar o corpo em práticas como *Le parkour*, *slackline*, *skate* e suas variações constituem elementos que merecem ser apreendidos por educadores que desejam trabalhar com essa parcela da sociedade.

Pensar, criar, desenvolver novas formas de aproximação para a intervenção social junto a essa população, conquistar confiança, respeito, atenção, interesse, superando os desgastados modelos tradicionais tanto do olhar para o jovem, quanto do propor para ele.

A intervenção orientada em direção à realização dos direitos da comunidade, sem, contudo, desenvolver-se como ação de imposição tem como objetivo principal a emancipação humana, trabalha a formação de sujeitos com conhecimento e consciência cidadã na construção de um necessário redirecionamento da vida social.

Contribuir para a diversificação das atividades dessa agenda, num sentido da educação para a sensibilidade com vistas a apresentar novas e interessantes possibilidades de vivência do tempo livre, de construção da autoestima.

O desenvolvimento dessas ações requer um agente social comprometido e sensível, ao mesmo tempo em que consciente das limitações que acompanham as diferentes formas de intervenção.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-73.

BOURGOIS, P. **A cracolândia paulista**. 2010. Disponível em: <<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/a-cracolandia-paulista-por-philippe-bourgois>>. Acesso em: 9 jan. 2012.

BURAK, S. D. (Comp.) Adolescência e juventude na América Latina. In: BURAK, S. D. (Comp.) **Adolescência e juventude na América Latina**. Cartago: Livro Universitário Regional, 2001. p. 118-130.

CAVALCANTI, L. **Jornal da USP online** Ano XXIII n.838 de 4 a 10 de agosto de 2008. Disponível em: <<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2008/jusp838/pag03.htm>>.

\_\_\_\_\_. **Luta mundial contra a epidemia de crack**. Disponível em: <<http://providaprojetos.blogspot.com.br/2012/01/lia-cavalcanti-luta-contrad-epidemia.html>>. Acesso em: 26 mar. 2012.

CARLINI-COTRIM, B. Drogas na escola: prevenção, tolerância e pluralidade. In: AQUINO, J.G. (Org.) **Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

\_\_\_\_\_.; *et al.* O uso de drogas psicotrópicas por estudantes de primeiro e segundo graus da rede estadual, em dez capitais brasileiras, 1987. **Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil, em 1987**. Brasília: Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1989, p.9-84. (Série C: Estudos e Projetos 5).

CARLINI, E. A.; *et al.* **II Levantamento nacional sobre o uso de psicotrópicos em estudantes de primeiro e segundo graus - 1989**. São Paulo: CEBRID/Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, 1990.

GALDURÓZ, J. C. F.; *et al.* **III Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras - 1993**. São Paulo: CEBRID/Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, 1994.

\_\_\_\_\_.; NOTO, A. R.; CARLINI, E. A. **IV Levantamento sobre uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras**. São Paulo: CEBRID/Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, 1997.

GALDURÓZ, J. C. F. *et al.* **V Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras**. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas – SENAD; Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID, 2005.

GALDURÓZ, J. C. F.; *et al.* **I Levantamento domiciliar nacional sobre uso de drogas psicotrópicas**. Parte A: estudo envolvendo as 24 maiores Cidades do Estado de São Paulo - 1999. São Paulo: CEBRID/Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, 2000.

MARGULIS, M. La juventudes más que una palabra. In: MARGULIS, M. (Org.). **La juventudes más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 2000. p. 13-31.

MASCARENHAS, F. **Lazer como prática da liberdade**. Goiânia: UFG, 2004.

MELO, V.A. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: Ibrasa, 2003.

PAIS, J.M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

\_\_\_\_\_. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Lisboa: Âmbar, 2003.

ROMERA, L.A. **A contribuição da Educação Física no processo de humanização do adolescente**. 1998. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

\_\_\_\_\_. Drogas e mídia: influências no lazer da juventude. **Licere**, v. 12, p. 80-90, 2009.

SPÓSITO, M.P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade. **Revista Tempo Social**, Departamento de Sociologia da USP, São Paulo, v.5, n.1-2, 1994.

ZALUAR, A. (Org.) **Drogas e cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cidadãos não vão ao paraíso**. Campinas: Escuta 1994.

#### **Endereço da Autora:**

Liana Abrão Romera  
Rua Laurentino Proença Filho, 300 ap 501 B  
Jardim da Penha Vitória  
CEP 29 060 440 – Vitória – ES  
Endereço Eletrônico: liromera@uol.com.br